

# GAZETA MERCANTIL

Sexta-feira, 17 de fevereiro, e fim de semana, 18 e 19 de fevereiro de 1995

A abertura da 50<sup>a</sup> legislatura do Congresso, renovado em mais da metade, e os discursos e entrevistas do presidente Fernando Henrique e do presidente do Senado, José Sarney, marcaram a vida política do País nos últimos dois dias. E de forma bastante positiva.

Na mensagem enviada à abertura do Congresso, o presidente da República foi direto ao ponto que tem sido, até aqui, o centro de suas preocupações à frente do governo: manter e dar continuidade ao processo de estabilização iniciado pelo Plano Real. Para ele, no momento, é essencial, nesse terreno, indicar com nitidez o caminho a ser trilhado. E apontou como medida prioritária, como passo imediato, o aprofundamento da desindexação da economia, com a eliminação gradual do reajuste automático dos salários pelo IPC-r e da Taxa Referencial (TR) do sistema financeiro.

Outra tarefa importante, e portanto prioritária, diz a mensagem, é trabalhar para estabelecer equilíbrio entre a oferta e a demanda, a fim de evitar a formação de estoques desnecessários e indesejáveis ou o desabastecimento generalizado. E é fundamental, para conse-

guir tal objetivo, facilitar as negociações entre a indústria e o comércio, evitando-se, assim, a formação de expectativas inflacionárias.

As indicações e propostas do governo ganham força à medida que são fundamentadas no balanço feito, também na mensagem presidencial, de sete meses do real, quando a inflação foi controlada e houve uma queda de 10% no custo da cesta básica, entre julho do ano passado a janeiro de 1995.

A preocupação crítica com o que foi feito até aqui, incluindo parte da gestão de Itamar Franco, ressalta também na entrevista coletiva dada ontem à imprensa por Fernando Henrique. Principalmente quando ele se refere à forma responsável com que vem enfrentando a questão do salário mínimo, que é hoje "insuportável, uma vergonha", mas que não pode ser aumentado de imediato.

E isso o mais correto, o contrário seria de

magogia: perderíamos o controle da situação e teríamos a volta da inflação. Disse o presidente, para lembrar em seguida que o fato concreto é que, apesar de tudo, historicamente, o mínimo nunca se estabilizou, como agora, em US\$ 85.

Na fala do presidente do Senado, José Sarney, o que mais se destacou foi sua preocupação em resgatar o prestígio do Congresso, que, se marcou pontos positivos com o impeachment de Collor e a cassação de parlamentares por atos de corrupção, muito deixou a desejar nas legislaturas passadas. E o que restou disso foi uma imagem negativa do Legislativo na opinião pública. É de esperar que a autocritica do senador, por todos aplaudida, marque um momento importante no esforço para melhorar a imagem ainda hoje abalada do Congresso Nacional.

Nessa mesma linha autocritica, e certamente relembrando a inoperância do Con-

gresso anterior em relação às mudanças na Constituição, Sarney chamou a atenção dos congressistas para as reformas que precisam ser feitas. Disse que sem as modificações adequadas na Carta de 1988 "não haverá meios de superar a crise em que o Brasil começou a mergulhar no final da década de 70", quando já eram evidentes os sinais de exaustão do modelo que fazia do Estado o grande, e quase exclusivo, agente de transformações. Para o senador, o Congresso está assim desafiado a fazer as reformas que coloquem o País definitivamente em sintonia com as mudanças ocorridas no mundo nos últimos anos.

A expectativa em relação ao novo Congresso é grande. Há o receio, que é compreensível, de que frustram os anseios do povo. Mas a impressão que a abertura da 50<sup>a</sup> deixou, além da solenidade e do formalismo do ato, é que as esperanças de todos saíram dali mais vivas e fortes do que antes. E infundiu a certeza - e esperamos nisso não estar enganados - de que o País saberá enfrentar e resolver seus problemas e marchar para dias melhores.